



*UM*

**Roger Robinson**

traduzido por  
**Victor Pedrosa Paixão**

apresentação  
**Prisca Agustoni**

**PARAÍSO**

**PORTÁTIL**

1ª edição ~ São Paulo  
março de 2024



UM LIVRO DE ROGER ROBINSON  
TRADUZIDO POR VÍCTOR PEDROSA PAIXÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Cesare Rodrigues, Laura Del Rey e Marcelo Lotufo  
TEXTO DE APRESENTAÇÃO: Prisca Agustoni  
TEXTO DA ORELHA: André Capilé  
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Cesare Rodrigues, Laura Del Rey e Marcelo Lotufo  
CAPA: Laura Del Rey [adaptando a capa original de Nicola Griffiths]  
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Laura Del Rey, Angela Mendes e Fernando Zanardo  
FOTOGRAFIAS: Johnny Pitts [capa] e Clifford Prince King [p.1]  
ASSISTÊNCIA EDITORIAL: Fernanda Heitzman  
AGRADECIMENTOS: Aline Caixeta Rodrigues, Fernanda Rodrigues e Hannah Bannister  
CATALOGAÇÃO: Ruth Simão Paulino

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

R663 Robinson, Roger  
Um paraíso portátil / Roger Robinson. Tradução de Victor Pedrosa Paixão.  
Apresentação de Prisca Agustoni. – São Paulo: Incompleta; Jaboticaba, 2024.  
104 p.; il.

**Título original: A Portable Paradise**

ISBN 978-65-88104-25-5

1. Literatura Inglesa. 2. Poesia. 3. Londres. 4. Gentrificação. 5. Torre Grenfell.  
6. Incêndio na Torre Grenfell. 7. Conflitos Sociais. 8. História Oral.  
9. Felicidade. I. Título. II. Paixão, Victor Pedrosa, Tradutor. III. Agustoni, Prisca.  
IV. Editora Incompleta. V. Edições Jaboticaba.

CDU 821.111.1 CDD B820-1

CATALOGAÇÃO ELABORADA POR REGINA SIMÃO PAULINO – CRB-6/1154

Copyright © Roger Robinson, 2019.

Todos os direitos desta edição pertencem às editoras  
Incompleta Produção e Imagens Ltda. ME e Edições Jaboticaba,  
e estão protegidos pela lei nº 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução  
total ou parcial da obra sem a expressa anuência das editoras.

  
incompleta.com.br  
@editoraincompleta

  
edicoesjaboticaba.com.br  
@livrosjaboticaba

## MENÇÕES E AGRADECIMENTOS DO AUTOR

“Ascension” foi publicado anteriormente em *One for the trouble: book slam annual*, Vol. 1 (ed. Patrick Neate); “A tela humana”, em *Red: contemporary black British poetry* (Peepal Tree Press); “Repasto”, em *Filigree: contemporary black British poetry* (Peepal Tree Press). O poema “O Whistlejacket de Stubbs” foi feito sob encomenda para a National Portrait Gallery e também está presente em *George Stubbs: ‘all done from nature’* (catálogo da exposição/ MK Gallery); “O ponto sempre movente” foi uma encomenda do Institute of International Visual Arts; e “Os desaparecidos” foi concebido para a *Africa writes: R.A.P. Party*.

#### Agradeço:

Apples and Snakes, Beatfreaks, The Arts Council of England, The Complete Works, Jeremy Poynting, Hannah Bannister e toda a equipe da Peepal Tree Press.

#### Pela amizade, orientação, apoio e encorajamento:

Suzanne Alleyne, Raymond Antrobus, Francesca Beard, Sharmilla Beezmohun, Malika Booker, Marc Boothe, Zakia Carpenter-Hall, Nicholas Chapman, Nicky Crabb, Charlie Dark, Kwame Dawes, Inua Ellams, Bernardine Evaristo, Piers Faccini, Arlette George, Jan Gleichmar, Colin Grant, Sami Al Haj, Elontra Hall, Afua Hirsch, Kiki Hitomi, Anthony Joseph, Peter Kahn, Tobi Kyeremateng, Jacob Sam-La Rose, Kevin Le Gendre, Nick Makoha, Kevin Martin, Lisa Mead, Vidal Montgomery, Nii Ayikwei Parkes, Johnny Pitts, Will Power, Rob Rainbow, Dean Ricketts, Isele Robinson-Cooper, Sarah Sanders, Nathalie Teitler, Marla Teyolia, Grace Williams, Imani Wilson.

**Para a minha bela família, Nicola e Caden.**

## APRESENTAÇÃO

*Corpses are scattered through a paradise*<sup>1</sup>

– DERECK WALCOTT

Roger Robinson é um poeta, músico e *performer* britânico de origem caribenha, de Trindade e Tobago, que com sua potente coletânea de poemas *A portable paradise* (Peepal Tree Press, 2019) – finalmente traduzida ao português por Victor Pedrosa Paixão e publicada em coedição pelas editoras Jabuticaba e Incompleta –, recebeu o prestigioso prêmio T. S. Eliot 2019; seguido, meses depois, pelo Ondaatje Prize. Antes desse reconhecimento internacional conseguido através da poesia, Robinson já era um nome bem conhecido do público que frequenta a cena musical do *dub* e do *reggae* nos bairros onde comunidades estrangeiras, vindas da Índia e de alguns países do Caribe e da África, se estabeleceram dentro do Reino Unido.

Sua atividade multifacetada o levou, ao longo dos anos, a diversificar as formas de representação da vida das comunidades de imigrantes, em especial, do corpo negro e de sua voz – seja no palco, por meio da palavra falada e da música, seja por meio de seus *workshops*, leituras e colaborações com coletivos como o Apples and Snakes (a mais importante organização que promove a poesia performática no Reino Unido) ou a Malika’s Poetry Kitchen, sediada em Londres, da qual é um dos fundadores.

“Residente britânico com sensibilidade caribenha”, como se auto-descreve, Robinson é considerado um dos escritores contemporâneos mais influentes do universo da diáspora negra no Reino Unido – não

---

1. WALCOTT, Derek. *A Far Cry from Africa*. In: \_\_\_\_\_. *Collected Poems 1948-1984*. London: Faber and Faber, 1992. p.17. Em tradução livre: “Cadáveres estão espalhados por um paraíso”.

apenas por conta de suas numerosas publicações de poesia e contos, álbuns solo e colaborações, mas também graças a um trabalho constante de ativismo cultural nas redes sociais, por meio do qual dialoga diretamente com o público. Os jovens artistas, em particular, são seus interlocutores prediletos: Robinson os exorta a não recuarem diante da exposição do próprio trabalho, e a não cederem ao medo de retrabalhar a realidade, mesmo a mais dura, em suas produções artísticas.

Para ele, as possibilidades de comunicação e ação do poeta na cena cultural contemporânea são plurais e concomitantes. Assim, Robinson resgata a figura do artista engajado – menos no sentido teórico ou abstrato do termo e mais no sentido pragmático, que evidencia o papel desempenhado pelo poeta em sua comunidade. Tal postura implica práticas como a atuação do poeta no trabalho colaborativo que constrói a noção de coletividade e a afirmação de um olhar aguçado em busca de revelar a vida dos marginalizados, invisibilizados e silenciados. Isso é perceptível em alguns de seus versos (“É dever do Paraíso/ reconfortar os deixados a sós”) e em trechos de entrevistas como este: “Eu tinha plena consciência de que estava escrevendo um tipo de poesia que funcionava como um documentário: que meu ponto de vista era o de uma câmera, e que eu estava filmando um momento decisivo para os negros na Grã-Bretanha”.

Entre as situações de violência que marcaram a história recente das comunidades diaspóricas em várias partes do mundo e, em particular, na Inglaterra, consta o grave incêndio da Grenfell Tower, que, em 21 de junho de 2017, matou 72 pessoas presas no arranha-céu de 24 andares e 300 apartamentos. A primeira parte do livro *Um paraíso portátil* se debruça sobre esse acontecimento, atribuindo rostos e vozes a quem viveu de perto a tragédia.

Na segunda parte do livro, nos deparamos com um carrossel de vozes anônimas (aos olhos da sociedade britânica), que falam da difícil condição dos marginalizados de ontem (os escravizados transportados em navios negreiros) e dos de hoje (jovens encapuzados residentes na periferia, em Brixton, que são levados a passeio pelos *terriers* “gordos e enrugados”; ou, ainda, os muçulmanos e afegãos que, recusando-se a fazer terapia, confiam que “Alá nunca dá mais do que você pode suportar”).

Outro momento decisivo da história recente do Reino Unido, destacado pelo poeta, é o escândalo envolvendo a Polícia de Imigração Inglesa, que, em 2018, após um endurecimento das leis migratórias nacionais, ameaçou, prendeu e deportou injustamente muitos filhos e netos da “Windrush Generation”, ou seja, cidadãos nascidos na Europa (ou imigrados antes de 1973), descendentes de imigrantes caribenhos que chegaram ao Reino Unido no final dos anos 1940 a bordo do barco *Empire Windrush*. Desse deslocamento histórico derivou-se o nome da *Windrush Generation*.

A terceira parte do livro, curta e explosiva, encara e denuncia a súbita transformação dos imigrantes em “ilegais”. Uma vez mais, Robinson utiliza o discurso poético como meio de difusão das vozes, em primeira pessoa, dos sujeitos que sofreram tais abusos. É interessante observar como todos esses acontecimentos estão entrelaçados na vivência dos sujeitos-protagonistas de seu *Um paraíso portátil*, fazendo com que a referência ao incêndio volte na terceira parte do livro, reforçando a noção de que o peso da discriminação, da injustiça e da exclusão recai sempre sobre os mesmos – ou, para dizer como Fanon, sobre “os condenados da terra”.

Protagonistas e, ao mesmo tempo, testemunhas da dura realidade que vivem, como no incisivo poema “Quatorze para um”, os personagens que povoam os versos de Robinson são os habitantes das periferias de Londres, imigrantes ou filhos de imigrantes. Subvertendo o imaginário forjado pela colonização, acreditaram que o paraíso seria a Inglaterra idealizada. No entanto, tal paraíso logo se revelou um território de exclusão econômica, social e afetiva. Este livro – um desolado carrossel fantasmagórico de vidas penduradas por um fio, em busca de um lugar para chamar de “lar” – faz do limiar entre o que é o “paraíso” e o “inferno” (e as representações cristalizadas que deles se construíram ao longo dos séculos) um ponto de partida para uma nova realidade, mutante e fluida.

Nessas circunstâncias, os migrantes e seus descendentes precisam erguer, no corpo a corpo com os lugares, o sentido para a representação dos seus fantasmas, dos seus mortos, cientes do peso da memória coletiva e da História, das complexas relações coloniais e pós-coloniais que ligam a Inglaterra ao Caribe. Nos poemas de Robinson é visível como o encontro tenso entre essas culturas se desdobra na contemporaneidade, agora nos arredores de Londres, onde um caldeirão de vidas se agita para dar sentido às múltiplas experiências individuais e coletivas, tantas vezes excluídas da noção de identidade desenhada pelo Império.

Direcionando a escuta para o cotidiano sofrido de suas personagens, a poética de Roger Robinson, à maneira de um sonar, capta um novo sentido de pertença transnacional, que resgata a história singular e ocultada daqueles que ajudaram a construir o país. Embora ameaçados, esses sujeitos silenciados desdobram suas linguagens, reinventam o mundo e a si mesmos, projetam-se para um futuro

incerto no qual, como teorizaram Bhabha e Stuart Hall, as identidades resultam da negociação entre as diferenças. É também desse tempo profundamente atravessado pela pluralidade linguística, étnica, religiosa e cultural – e assombrado pelo medo e pela morte – que se alimentam as performances de Roger Robinson.

Além disso, o poeta interroga representações ou figuras canônicas da cultura ocidental, para lançar sobre elas um olhar atento que evidencie suas zonas de sombra, os não ditos, aquilo que ficou calado até então. Esse procedimento está mais marcado na quarta seção do livro, particularmente no belíssimo poema “*A young girl with a dog and a page*” (p.76), cujo título é o mesmo da tela do retratista inglês do século XVIII, Bartholomew Dandridge. Na cena principal da pintura, a luz mostra uma garotinha branca, provavelmente nobre, que faz carinho em um cachorro, enquanto atrás dela, deixado no claro-escuro da tela, há um garoto negro, “um adereço” (Robinson, p.76), que a olha com olhar triste, carregando uma cesta de frutas. Robinson primeiro descreve de forma crítica o quadro, depois troca as posições das personagens na cena e seus papéis sociais, propondo uma inversão de protagonismo. O teor fortemente crítico do poema, denunciando a escravidão e suas violências (inclusive as que se perpetuam até hoje através do imaginário, como o veiculado pela tela), se alia à atual reivindicação por uma revisão da História e de seus protagonistas, resultando num poema ao mesmo tempo comovente e contundente.

A agudeza com que o poeta apreende as angústias de sua comunidade advém, em grande parte, de sua vivência pessoal da mesma experiência. Nesse sentido, por ser um crítico porta-voz de certo mal-estar da sociedade, Robinson antecipou o grito de indignação que irrompeu

um ano após a publicação de seu livro – quando, em maio de 2020, o cidadão negro norte-americano George Floyd foi barbaramente assassinado por um policial branco em Minneapolis. Cientes desse fato, é importante pensarmos no caráter visionário do poema “Cuidado”, publicado em 2019. Decorrente do tratamento racista e criminoso destinado em vários lugares do mundo ao corpo negro, ele denuncia uma estrutura violenta, cujos métodos se repetem há séculos:

*“Quando a polícia põe os joelhos  
na tua garganta, podes não sobreviver  
para contar sobre a asfixia.”  
(p.46)*

Nesse pêndulo entre a resistência contra aquilo que mata e a esperançosa criação de uma noção de “pertença” daqueles que nunca puderam se sentir parte do lugar, move-se também a voz autobiográfica do poeta, desesperadamente agarrado à vida no belíssimo e comovente poema “Grace”, da quinta e última parte de *Um paraíso portátil*. Nele, Robinson aborda o nascimento prematuro de seu filho e a fragilidade da existência, especialmente quando confrontada com uma ameaça direta de morte. Nessa experiência íntima, o olhar do poeta se mantém atento àqueles que, por trás da cena principal, garantem o funcionamento da roda-gigante da vida: nesse caso, a protagonista é a enfermeira Grace, jamaicana, graças à qual o filho do poeta não foi condenado à fria estatística dos bebês que não vingaram.

Na última seção do livro, a mais abertamente pessoal, Robinson expõe seus sentimentos como peças-chave da máquina do mundo

que, desde sempre, esmaga negros, imigrantes, mulheres e pobres no Reino Unido. Apesar disso, seus versos sugerem que é preciso enfrentar e exorcizar a violência sofrida, juntando os pedaços do paraíso portátil que cada um carrega em si. Ângulos de luz, fragmentos de canções entoadas num corredor de hospital, pedaços de papel com um nome escrito à caneta, um cheiro amado num lenço, fotografias de desaparecidos: detalhes comuns que, encarnados, permitem que a memória não se transforme em desmemória; permitem pensar o paraíso como um lugar em construção aqui e agora, para todos, inclusive nossos antepassados, e não como uma representação idealizada e excludente.

A esse respeito, é emblemático o fato de que o último poema seja aquele do qual é tirado o título do livro. Ele parece funcionar como um diário de sobrevivência, um legado passado de geração a geração; nele estão os conselhos da avó sobre como conservar vivo o paraíso individual, uma espécie de relicário amoroso, um escudo contra a violência do cotidiano.

*“E se eu falo do Paraíso,  
estou falando de minha avó,  
que disse para carregá-lo sempre  
comigo, em sigilo, para que  
ninguém soubesse além de mim.  
Assim não o tomam de ti, ela dizia.  
E se a vida te põe sob pressão,  
traça-o pelas cristas, no teu bolso,  
aspira o cheiro de pinheiro no teu lenço,  
murmura bem baixinho o seu hino.*

*E se teus estresses se sustentam diariamente,  
põe-te num quarto vazio – seja de hotel,  
hostel ou choupana –, acha uma lâmpada  
e esvazia teu paraíso sobre a mesa:  
areias brancas, morros verdes, peixe fresco.  
Ilumina-o com a lâmpada, como a esperança morna  
da manhã, e permanece fitando-o até que adormeças.”  
(p.98)*

Com uma alegria meio amarga, e comovida, encerro este texto recomendando a leitura de *Um paraíso portátil*, de Roger Robinson – obra que, durante longo tempo, sonhei que fosse traduzida no Brasil. Comemoro muito a publicação deste livro, necessário e atual, por demonstrar aquilo que de melhor a poesia pode e deve fazer em tempos sombrios como os de hoje, tão carentes de diálogo, de entendimento e de empatia.

Prisca Agustoni,  
JANEIRO DE 2024

## SUMÁRIO

### I

- 21 Os desaparecidos
- 23 Haibun para os espectadores
- 25 Quatorze para um
- 26 O museu dos retratos
- 27 Culpa
- 28 O pai
- 29 Fantasmas
- 30 Doppelgänger
- 32 Bonecos
- 33 Garotos acendem fogos de artifício  
no térreo da Gardiner House Estate
- 34 O dever do Paraíso

### II

- 37 (Algum) suor
- 38 Desperto
- 39 Antúrio negro
- 41 Limerique da escravidão
- 42 Windrush
- 43 Azeitona preta
- 44 Bob Marley em Brixton
- 45 Voam garrafas em câmara lenta contra a polícia
- 46 Cuidado
- 47 Tá vindo aí
- 49 Ande comigo
- 50 Das cinzas ao fogo
- 52 O vermelho escuro do seu sangue
- 54 Terapia
- 56 Lua diurna
- 57 Uma jornalista repetidas vezes me pergunta  
sobre raça numa entrevista sobre poesia
- 58 E se eu falo do Paraíso

### III

- 61 Cidadão I
- 64 Cidadão II
- 66 Cidadão III

### IV

- 69 Sobre Sade
- 70 Não há nada igual a isso: fatos sobre Omar
- 71 *Ascension*
- 72 A tela humana
- 73 O *Whistlejacket* de Stubbs
- 74 O último cafuné do campeão
- 75 Retrato de minha bisavó como o tema da *Monomane de l'envie* de Géricault
- 76 *A young girl with a dog and a page*
- 77 O ponto sempre movente
- 78 Corbeaux
- 79 Meio do inverno
- 80 A palinódia do corvo
- 81 Macajuel gigante
- 82 Complexidade
- 83 Paraíso

### V

- 85 Grace
- 86 Sobre enfermeiras
- 87 Prece
- 89 Repasto
- 90 Sobre assobiar
- 91 Noé
- 92 Santos
- 93 Fígado
- 95 Capim Shandilay
- 97 Prece da Praia de Maracas
- 98 Um paraíso portátil